

A Operariolatria *

Camilo Berneri

Nota introdutória

A figura de Camillo Berneri é pouco conhecida fora do ambiente do anarquismo italiano. Nascido em Lodi em 20 de maio de 1897, inicia o seu empenho político na Federazione Giovanile Socialista de Reggio Emilia. Aproxima-se do movimento anarquista já em 1916, participando ativamente de numerosas iniciativas e destacando-se pela colaboração em várias revistas. Em 1926 é obrigado a deixar a Itália devido à repressão do regime fascista e a iniciar uma peregrinação por diversos países europeus: França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha. Entra em contato com os ambientes da resistência antifascista dos exilados e procura continuar na luta contra a ditadura de Mussolini. É notável o número de personagens políticos com os quais mantém relações e que não se limitam unicamente ao movimento anarquista: além de N. Nettlau, L. Fabbri, C. Frigerio, R. Schiavina, D. A. De Santillan, etc., e também G. Prezzolini, P. Nenni, G. Salvemini, C. Treves, M. Angeloni, C. Rosselli. Alguns elementos dessas relações estão presentes em um epistolário constituído em dois volumes, publicado pelo *Archivio Famiglia Berneri*, de Pistoia, e que oferece um interessante e inédito ponto de vista sobre o ambiente antifascista fora da Itália no final da década de 20 e início da de 30. Dentro do movimento anarquista, Berneri é uma figura bastante atípica porque não só procura colocar à prova a validade dos princípios libertários diante das contingências históricas do período, como não renuncia ao espírito crítico que envolve movimentos, idéias e práticas políticos dentro e fora do movimento anarquista. Nos anos do exílio se esforça para manter um debate entre elementos heterogêneos da esquerda numa perspectiva que não fosse estatalista, como era a tendência então predominante no movimento operário europeu. Esse empenho não apenas intelectual, mas também organizativo, será desenvolvido durante o breve (10 meses) mas intenso período em que se participa como líder dentre os mais respeitáveis da revolução espanhola. Participa como combatente na frente de várias iniciativas culturais e de contra-informação, publica o jornal *Guerra di Classe*, que representa a voz dos anarquistas italianos que combatem na Espanha. Nas colunas deste jornal comenta os acontecimentos da guerra, posicionando-se no debate político, criticando os comunistas e acusando de condescendentes os anarquistas que tinham entrado no governo republicano. Preso no seu alojamento em Barcelona por “agentes stalinistas” — doze policiais e um funcionário à paisana — é assassinado na noite de 5 para 6 de maio de 1937.

O artigo *A Operariolatria* foi escrito em Brest em 1934; neste período Berneri procura sobreviver com trabalhos não fixos, como pedreiro, tradutor e pesquisador para terceiros; o exílio na França é duro para muitos militantes que tinham levado consigo a família e que, diferentemente de outros, não podem contar com prebendas e rendas de partido. Neste período em que a Itália parece subjugada pelo “fascínio” do Duce e onde a esquerda se debate em contrastes e oposições muitas vezes insanáveis, Berneri repercorre criticamente algumas das temáticas ligadas ao debate sobre o comunismo e o sindicalismo: a função historicamente revolucionária da classe operária, o seu mito, um certo misticismo operarista que permeia as análises

* Archivio Famiglia Berneri, Pistoia 1987. Tradução de Kazue Yamazaki.

dos intelectuais de então, a tendência ao corporativismo do sindicato, a passagem de muitos militantes sindicalistas à direita, etc.

As dúvidas que Berneri se coloca são as de sempre: que sentido dar à luta, como fazer política, por que se conduzem as massas às opções autoritárias.

Na Itália atual, onde a corrupção se mostra de tal forma generalizada e enraizada em níveis econômico e social, ao ponto de levar-nos a duvidar que seja um simples fenômeno “degenerativo”, onde os sindicatos já “estatalizados” participam das decisões de governo, cuja esquerda, concentrada unicamente nas alianças políticas de vértice, nunca demonstrou de fato uma política de solidariedade em nível social, o artigo de Berneri é amargamente atual. Voltando a percorrer os acontecimentos políticos e sociais de então, é impossível não pensar quantas analogias reconduzem à atual situação. Berneri lembra-nos que a biografia e a coerência na política não são detalhes a ser subordinados a uma tática para a conquista do poder, mas constituem o sentido e o valor das nossas opções.

Fausto Bolzani

Lendo o livro de Carlo Rosselli, *Socialisme libéral* (1934), assinalei à margem este trecho (traduzo): “O juízo pessimista sobre o homem, uma vez que a massa não é outra coisa que a soma de individualidades concretas. A partir do momento em que se declara a massa incapaz de compreender, mesmo mediante intuições grosseiras e primitivas, o valor de uma luta pela liberdade, declara-se, justamente por isso, o homem fechado a todo instinto que não seja de natureza estritamente utilitária. Corta-se pela raiz, ao mesmo tempo, qualquer sonho de redenção social, sufoca-se até a fé nos instintos democráticos, a fé fundada na tese de uma identidade fundamental entre os homens e num otimismo razoável na natureza humana”. Nunca tolerei sem reagir a certos comportamentos... nietzcheanos de alguns individualistas, destinados a tornar-se secretários das Camere del Lavoro¹ ou pior, mas, de outro lado, nunca lustrei os sapatos ao proletariado “evoluído e consciente”, nem em comício. E não compreendo a linguagem áulica dos bonzos bolcheviques.

Em um artigo (cito um exemplo entre mil) de “*Azione antifascista*”, de junho de 1933, leio que Gramsci é uma “alma proletária”. Onde escutei essa expressão? Busco na memória. Ah! Foi em Le Pecq, enquanto vestido e trabalhando como servente de pedreiro surpreendeu-me um dos “responsáveis” comunistas: “Agora você pode conhecer, Berneri, a alma proletária!” Assim me tinha apostrofado. Entre uma peneirada de areia e dois baldes de massa, refleti sobre a “alma proletária”. E, como sempre, para esclarecer o problema, surgiam da memória do coração as recordações. Os primeiros contatos com o proletariado: era aí que procurava a matéria da definição. Não encontrei a “alma proletária”. Reencontrei os meus primeiros companheiros: os jovens socialistas de Reggio Emilia e arredores. Eram corações generosos, mentes abertas, vontades tenazes. Em seguida conheci alguns anarquistas. Torquato Gobbi foi meu mestre, nas noites brumosas, ao longo da Via Emilia, sob os pórticos que ressoavam as minhas tentativas de resistir à sua pacata dialética. Ele era um encadernador de livros, eu, estudante do liceu, portanto ainda “filho-de-papai” e ignaro à grande e verdadeira Universidade que é a vida. E depois, então, quantos operários na minha vida cotidiana! Mas se em um encontrava a isca que provocava centelhas no meu pensamento, se em outro descobria afinidades eletivas, se a outro ainda me abria com fraterna intimidade, encontrava outros áridos e muitos que me chocavam com o seu presunçoso vazio, e tantos que me nauseavam com seu cinismo! O proletariado era “a gente”: aquela média burguesia onde eu tinha vivido, a massa estudantil em que vivia; em suma, a *multidão*. E os amigos e companheiros operários mais inteligentes e espontâneos nunca me falaram de “alma

¹ As Camere del Lavoro eram os locais que serviam de sede aos sindicatos em cada cidade.

proletária”. Sabia através deles o quanto progrediam lentamente a propaganda e a organização socialistas. Em seguida, ingressado na propaganda e na organização, vi o proletariado, o qual me pareceu, no seu todo, o que ainda hoje me parece, uma enorme força que se ignora, que cuida, de forma não inteligente, do próprio útil, que dificilmente luta por motivos ideais ou por fins não imediatos, que está carregado de infinitos preconceitos, de toscas ignorâncias, de ilusões infantis. A função das *elites* me parece clara: dar o exemplo da audácia, do sacrifício, da tenacidade; chamar a atenção da massa sobre si mesma, à opressão política, à exploração econômica e também à inferioridade moral e intelectual das maiorias.

Portanto, apresentar a burguesia e o proletariado com o demagógico simplismo das caricaturas *scalarinesche*² do *Avanti!* e dos “oradores de comícios” parece-me de mau gosto e prejudicial.

Existiu — e infelizmente existe ainda - uma retórica socialista que é terrivelmente não educativa. Os comunistas contribuem, mais que qualquer outro partido de vanguarda, a perpetuá-la. Descontentes com a “alma proletária”, inventaram a “cultura proletária”. Quando faleceu Lounatcharsky, foi dito por certos jornais comunistas que “ele encarnava a cultura proletária”. Como um escritor de origem burguesa, erudito (e a erudição é o capitalismo da cultura), tão *precioso* como Lounatcharsky podia representar a “cultura proletária” é um mistério análogo ao da “ginecologia marxista”, termo que escandalizou até Stalin. O *Le Réveil*, de Genebra, insurgindo-se contra o abuso da expressão “cultura proletária”, observava:

o proletário é, por definição e muitas vezes na realidade, um ignorante, cuja cultura é necessariamente limitadíssima. Em todos os campos, o passado nos fez herdeiros de bens inestimáveis que não poderiam ser atribuídos a esta ou àquela classe. O proletariado, esse reivindica antes de mais nada maior participação na cultura, como a uma das riquezas das quais não quer ser mais privado. Sábios, escritores e artistas burgueses nos deram obras de uma importância emancipadora; ao invés, intelectuais — pretensos proletários — nos preparam pratos muitas vezes indigestos.

A “cultura proletária” existe, mas encontra-se restrita aos conhecimentos profissionais e ao ‘enfarinhamento’ enciclopédico tomado ao acaso em leituras desordenadas. Carater típico da cultura proletária é o de estar em atraso em relação ao progresso da filosofia, das ciências e das artes. Vocês encontrarão seguidores fanáticos do monismo de Haeckel, do materialismo de Buchner e até do espiritismo clássico entre os “autodidatas”, mas não os encontrarão entre pessoas realmente cultas. Uma teoria qualquer que começa a se tornar popular e a encontrar eco na “cultura proletária” é gulosa de *luxos*. Assim como o romance popular está cheio de príncipes, de marqueses e de recepções de salão, um livro é sempre mais procurado e apreciado pelos “autodidatas” quanto mais for indigesto e abstruso. Muitos deles nunca leram a *Conquista del pane*, de Kropotkin, ou o *Dialogo tra contadini*³, mas leram *O mundo como vontade e representação* e *A crítica da razão pura*. Uma pessoa culta que se ocupa, por exemplo, de ciências naturais e que não tenha conhecimentos de matemática superior, se absterá de julgar Einstein. Um autodidata, em geral, tem em matéria de juízos um descaramento sem-vergonha. Dirá de fulano que é “um filósofo de nada”, de ciclano que é um “grande cientista” e de beltrano que não entendeu a “inversão da praxis”, nem a “noumenicidade” nem a “hipostase”. É que o autodidata, em geral, ama falar difícil. Fundar uma revista, ao indivíduo meio culto não assusta. Sem falarmos então de um semanário.

² Referentes a De Scalarini, famoso chargista da época.

³ Livro de Malatesta, escrito com uma linguagem clara e acessível, destinado a ser lido por trabalhadores.

Escreverá sobre o escravismo no Egito, sobre as manchas solares, o “ateísmo” de Giordano Bruno, as “provas” da inexistência de Deus, a dialética hegeliana, mas da sua oficina, da sua vida de operário, das suas experiências profissionais não dirá uma palavra.

O “autodidata” cessa tipicamente de sê-lo quando consegue adquirir uma verdadeira cultura, isto é, quando possui inteligência e vontade. Mas, então, a sua cultura não será mais operária. Um operário culto, como Rudolf Rocker, é como um negro trazido para a Europa em criança e crescido em uma família culta e no colégio. Tanto a origem quanto a cor da pele não contam em casos como esse. Em Rocker ninguém imaginaria o ex-seleiro, ao passo que, quando Grave sai da vulgarização kropotkiniana, leva a pensar, com nostalgia, que tinha sido um bom sapateiro.

A chamada “cultura operária” é, em suma, uma simbiose parasitária da cultura verdadeira, que é ainda burguesa e médio-burguesa. É mais fácil que do proletariado saia um Titta Ruffo ou um Mussolini que um cientista ou filósofo. Isso não porque a inteligência seja monopólio de uma classe, mas porque a 99 por cento dos proletários, terminada a escola primária, é negada uma verdadeira cultura de base, pela vida de trabalho e de embrutecimento. A instrução e a educação para todos é um dos mais justos cânones do socialismo, e a sociedade comunista fornecerá as *élites naturels*; mas, por ora, é grotesco falar de “cultura proletária” do filólogo Gramsci, ou de “alma proletária” do burguês Terracini. A doutrina socialista é uma criação de intelectuais burgueses. Esta, como observa De Man, em *Au-delà du marxisme*, “é menos uma doutrina do proletariado que uma doutrina para o proletariado”. Os principais agitadores e teóricos do anarquismo, de Godwin a Bakunin, de Kropotkin a Cafiero, de Mella a Faure, de Covelli a Malatesta, de Fabbri a Galleani, de Gori a Voltairine de Clayre, saíram todos de um ambiente aristocrático ou burguês em direção ao povo. Proudhon, de origem proletária é, dentre todos os escritores anarquistas, o mais influenciado pela ideologia e pelos sentimentos da pequena burguesia. Grave, sapateiro, caiu no chauvinismo democrático mais burguês. Ademais, é inegável que os organizadores sindicais de origem operária, de Rossoni a Meledandri, tenham contribuído, proporcionalmente, para o maior número de oportunistas integrados no sistema.

* * *

O populismo russo e o sorelianismo são duas formas de romantismo operário, das quais, formalmente, a demagogia bolchevique é continuadora. Gorki, um dos escritores que viveu mais longa e profundamente em meio ao proletariado, escreve:

Quando eles (os propagandistas) falavam do povo, senti imediatamente que o julgavam de forma diferente de mim. Isto me surpreendeu e me tornou suspeito em relação a mim mesmo. Para eles, o povo era a encarnação da sabedoria, da beleza espiritual, da bondade e do coração, um ser único e quase divino, depositário de tudo aquilo que é belo, grande e justo. Não era absolutamente o povo que eu conhecia.

Arturo Labriola, do qual retirei a citação supra referida⁴, continua com as seguintes recordações:

Poderia acrescentar a minha experiência pessoal, sendo eu nascido em uma classe de artesãos que vivia em contato imediato com as classes de trabalho material e eram esses proletários. Os trabalhadores que eu conheci

⁴ *Al di là del capitalismo e del socialismo*. Paris, 1931.

desde os primeiros anos de minha vida eram homens em tudo e por tudo dignos de piedade, ingênuos e instintivos, simples, inclinados à superstição, voltados para a vida material, afetuosos e crédulos ao mesmo tempo com os filhos, incapazes de abstrair da própria vida de trabalhadores um único elemento de pensamento particular à classe a qual pertenciam. Entre esses, os que, livrando-se das superstições e das prevenções da sua classe, alcançavam o socialismo, não o viam exceto sob o seu aspecto material: o de um movimento destinado a melhorar a própria sorte. E naturalmente esperavam esta melhoria dos chefes, os quais passavam, indiferentemente, do estado de ídolos ao estado de traidores, segundo os momentos e as ocasiões, independentemente do mérito ou demérito da parte deles. É indiscutível que o socialismo os melhorasse sob todos os aspectos; e ousou dizer que a minha primeira inclinação a favor deste movimento veio da grande piedade que a miséria dos miseráveis me inspirava e da experiência do benefício que o movimento lhes proporcionava.

* * *

Mesmo Malatesta, que não via o proletariado através das lentes cor-de-rosa de Kropotkin e Luigi Fabbri, escrevia um artigo referindo-se ao período de insurreição do pós-guerra: “Gente demais entre a gente pobre, trabalhadores demais acreditavam seriamente que estivesse por vir o momento de não trabalhar ou de fazer trabalhar unicamente os senhores”. Quem quer que repense a história do movimento operário, observará a prevalência de uma imaturidade moral facilmente explicável, impondo, de tal modo, o mais evidente desmentido aos ditirâmbicos exaltadores das massas.

Chamar de “proletariado” os núcleos de vanguarda e as *elites* operárias é uma brincadeira que deve ser deixada de lado. As demagogias alegóricas adulam as multidões, mas lhes escondem verdades essenciais para uma emancipação real. Uma “civilização operária”, uma “sociedade proletária”, uma “ditadura do proletariado” — eis as fórmulas que deveriam desaparecer. Não existe uma “consciência operária” como típico caráter psicológico de uma classe inteira; não existe oposição entre “consciência operária” e “consciência burguesa”. Os gregos não combateram pela glória, como pretendia Renan. E o proletariado não luta pelo “sentido do sublime”, como se apressava em sustentar Sorel nas suas *Réflexions sur la violence*.

* * *

O “operário ideal” do marxismo e do socialismo é um personagem mítico. Pertence à metafísica do romantismo socialista e não à história. Nos Estados Unidos e na Austrália são as *unions* operárias que exigem a política restritiva da imigração. À emancipação dos negros dos Estados Unidos, o proletariado americano⁵ deu apenas uma mísera contribuição e ainda hoje os trabalhadores negros são excluídos de quase todas as organizações sindicais americanas... Os movimentos de boicote (contra as ditaduras fascistas, os horrores coloniais, etc.) são escassos e não obtêm sucesso. E raríssimas são as greves de solidariedade classista ou com fins estritamente políticos.

Tal caráter utilitarista, tal tacanharia, tal inércia geral caracterizam particularmente o proletariado industrial.

* * *

⁵ Ver Béard, Mary R. *A short history of the American labour movement*. New York, 1928.

Cada vez que leio ou ouço exaltações ao proletariado industrial como a *elite* revolucionária e comunista emergem de dentro de mim recordações de vida, isto é, experiências pessoais e observações psicológicas. Sou levado a suspeitar de quem afirma o que para mim parece um mito, ou uma ênfase de ‘provincianos’ que trocaram os campos por algum grande centro industrial ou, em outros casos, uma ênfase de ordem profissional. Quando lia o *Ordine nuovo*, especialmente na sua primeira fase, quando era um periódico, a sugestão das contínuas exaltações à grande indústria como formadora de homogeneidade classista, de maturidade comunista dos operários de oficina, etc., era por mim rechaçada por considerações de ordem psicológica.

* * *

Imaginava, por exemplo, Gramsci, chegado em Torino da nativa Sardenha e tomado pelas engrenagens da metrópole industrial. As grandes manifestações, a concentração de operários qualificados, a vastidão febril do ritmo da vida sindical da cidade industrial o fascinaram, dizia a mim mesmo. A leitura bolchevique russa me parecia pantografar o mesmo processo psíquico. Em um país como a Rússia, onde as massas rurais eram enormemente atrasadas, Moscou, Petrogrado e os outros centros industriais deviam parecer oásis da revolução comunista. Os bolcheviques deviam, quando incitados pelo industrialismo marxista, ser conduzidos a se orgulhar da fábrica, como os revolucionários russos da época de Bakunin eram levados a se orgulhar da cultura ocidental.

Na Itália, a mística industrialista daqueles da *Ordine Nuovo* me parecia, portanto, um fenômeno de reação análogo ao futurismo.

Um outro aspecto que me resultava esclarecedor era a natural tendência que possuem os técnicos industriais, tendência que encontra equivalentes em todos os campos da especialização, em ver a indústria como alfa e ômega do progresso humano. E me parecia significativo que os engenheiros fossem numerosos entre os elementos diretivos do Partido Comunista.

Vendo os fatos sob esse ângulo, o comportamento de alguns entre os republicanos que são influenciados pela ideologia dos comunistas confirma a minha tese.

Típico é o caso de A. Chiodini que, no número de fevereiro de 1932 dos *Problemi della rivoluzione italiana*, criticando a orientação rural e meridionalista do programa de *Giustizia e Libertà*, proclama:

O proletariado industrial é a única força objetivamente revolucionária da sociedade. Porque somente o proletariado se encontra na condição e na possibilidade de se livrar de qualquer mentalidade fechada de categoria e de se elevar à dignidade de classe, isto é, de força coletiva que possui consciência de uma tarefa histórica a ser realizada.

A revolução italiana, como todas as revoluções, só pode ser obra de forças homogêneas e capazes de mover-se por ideais de larga visão.

Ora, a única força homogênea que pode lutar por um ideal de liberdade concreta, e que por esta batalha pode estar disposta a uma ação clarividente, não no curto prazo, é a força operária. É ela que pode apresentar, hoje, após tantas provas e tantas tragédias, a própria candidatura como classe dirigente revolucionária.

Que o proletariado industrial seja uma das principais forças revolucionárias no sentido comunista é por demais claro para que se discuta esse propósito. Contudo, é evidente, de outro lado, que a homogeneidade daquele proletariado está mais nas coisas que nos espíritos, e mais — vale dizer — no aglomerado de indivíduos que são, na sua grande maioria, assalariados, sem grandes diferenças atuais ou possíveis,

e em contato com uma propriedade por natureza indivisível (portanto, necessariamente apta a tornar-se o capital de um trabalho necessariamente associado): a consciência de classe, de força coletiva destinada a atuar em uma imensa tarefa histórica.

O *particularismo* dos operários das indústrias é por demais evidente para que se deixe conduzir às genéricas e generalizadoras exaltações que deles fazem alguns marxistas e pretensos marxistas.

O egoísmo corporativo nos Estados Unidos conduziu a uma verdadeira política xenófoba, e as corporações tipicamente industriais sempre se mostraram entre as mais obstinadas em pedir ao governo a interdição à imigração operária. O mesmo aconteceu na Nova Zelândia. Mas, limitemo-nos à Itália. Os operários das indústrias sempre favoreceram o protecionismo industrial. O livro de G. Salvemini⁶, é rico de exemplos nesse sentido. Seleciono alguns que me parecem os mais típicos.

Em 1914, os operários da indústria açucareira que totalizavam 4500, isto é, uma categoria pequeníssima, eram protegidos pelos socialistas reformistas, que pediam ao governo a proteção aduaneira do açúcar, sem considerar o fato de a indústria se encontrar danificada pelo preço alto da matéria-prima. Tal pedido prejudicava todos os consumidores italianos, obrigados a pagar um preço mais alto não só pelo açúcar mas também por doces e geléias. E mais: isso limitava o consumo interno desses produtos, impedia a exportação, portanto, diminuía o trabalho dos operários das indústrias. Os operários das refinadoras deveriam, portanto, pedir a proteção para ambas as indústrias, ou pedir o câmbio livre para o açúcar, podendo eles próprios ser absorvidos pelo desenvolvimento da indústria dos doces e geléias. E isto em nome do interesse geral. Mas, como pretender que os operários das refinadoras que recebiam “salários elevados, ignotos de outras categorias de trabalhadores”⁷ renunciassem à sua posição privilegiada?

Outro exemplo: antes da guerra funcionavam na Itália 37 minas de lignito, que produziam, em 1913, 700 mil toneladas de combustível. Durante a guerra, tendo o carvão estrangeiro atingido preços altíssimos, tornou-se conveniente explorar jazidas de lignito, mesmo paupérrimas. O número de minas elevou-se a 137, mas a produção cresceu apenas de 400 mil toneladas, parte das quais conseguida por uma produção mais intensa das velhas minas. Terminada a guerra, o preço do carvão estrangeiro baixou, a demanda de lignito caiu e as 37 minas eram novamente suficientes.

O mineiros contratados durante a expansão das minas, *quase todos camponeses dos vilarejos circunvizinhos*, viram-se ameaçados de demissão e de diminuição de salário. Ocorreram grandes agitações cuja palavra de ordem era: “Não às demissões!” Um deputado socialista, presidente de uma sociedade cooperativa mineira, requereu ao governo a manutenção da produção de lignito às cifras do período de guerra, ou melhor, que subisse a 4 milhões de toneladas anuais; que a administração das ferrovias transformasse um certo número de locomotivas para adaptá-las ao uso do lignito; que os fogueiros das ferrovias tivessem melhores salários para compensar o aumento da fadiga, devido ao uso do lignito em todos os serviços dependentes das administrações públicas; que o lignito fosse imposto por lei em todos os casos em que pudesse substituir, sem danos, o carvão; que o governo financiasse as sociedades que se propusessem instalar centrais elétricas à base de lignito; que isentasse da apropriação da mais-valia de guerra as instalações desse genero.

O deputado socialista requeria, em outros termos, que se consumissem milhões para dar trabalho a algumas centenas de mineiros, muitos dos quais podiam voltar aos campos.

⁶ *Tendenze vecchie e necessità nuove del movimento operaio italiano*, Bologna, 1922.

⁷ *Avanti*, 10 de março de 1910.

Tais mineiros teriam trabalhado com a picareta pesada, consumindo os milhões tirados do zé-povinho!

É preciso salientar que as agitações dos mineiros da bacia lignífera do Valdarno eram lideradas por organizadores do U.S.I.⁸. O caso supracitado é, portanto, duplamente interessante e requer reflexão, porque nos chama a atenção para um lado esquecido pelos anarquistas ativos nas uniões sindicais (o protecionismo) e nos faz entrever quais problemas do gênero podem se apresentar em um período revolucionário (tendência de certas categorias de operários de fazer sobreviver indústrias não rentáveis para a economia nacional). Qual foi a atitude dos anarquistas incorporados à Confederação Geral do Trabalho e na União Sindical Italiana diante do colaboracionismo socialista patronal? Quando os dirigentes da F.I.O.M.⁹ colocaram o interesse de 30 mil operários empregados na indústria siderúrgica, sustentada à sombra do protecionismo aduaneiro e da subvenção estatal, à frente do interesse de 270 mil operários das indústrias do ferro de segundo e de terceiro trabalho (metalúrgicas e mecânicas), que teriam tudo a ganhar por ter à disposição a matéria-prima barata, qual foi a atitude dos anarquistas organizados na F.I.O.M.? Me parece que não existiu, da parte desses anarquistas pertencentes às organizações operárias, uma idéia clara da sua função de educadores. Uma obra de educação classista teria sido lembrar que os milhões dados à proteção das indústrias parasitárias eram extorquidos em grande parte de outras multidões trabalhadoras italianas. Os anarquistas deixaram-se desviar pelos socialistas que, por razões demagógicas, renunciaram à justa e bela intransigência dos tempos em que o eleitoralismo, o mandarismo e o colaboracionismo com a burguesia não eram ainda triunfantes. Aos industriais da Ligúria¹⁰, que demitiram 3 mil operários e ameaçavam demitir em um mês outros 20 mil caso o governo não tivesse desistido de diminuir os prêmios da marinha mercantil, o *Avanti!*, então dirigido pelo reformista Leonida Bissolati, respondia:

*Os operários sabem que os milhões dados à proteção da indústria naval são extorquidos em sua maior parte das outras multidões trabalhadoras da Itália; portanto, recusam-se a formular o desejo de que continue um estado de coisas onde o pão dos operários de uma região seja pago com a fome dos trabalhadores do resto da Itália.*¹¹

O fato de os elementos que se diziam revolucionários terem organizado agitações para obter do governo trabalho para a indústria de guerra demonstra a que ponto de degeneração chegou a colaboração operário-patronal nos centros industriais. Assim escrevia Salvemini, no *Unità* de 11 de julho de 1913:

A Camera del Lavoro da Spezia, administrada por sindicalistas, republicanos e socialistas revolucionários, promoveu uma greve geral. Para protestar contra a morte de algum operário? Não. Para protestar contra uma iníqua sentença de classe, pronunciada por autoridade judiciária? Não. Por solidariedade com algum grupo de operários grevistas? Não. Para resistir a alguma ilegalidade das autoridades políticas ou administrativas? Não.

⁸ Sigla da *Unione Sindicale Italiana*, formada por sindicalistas revolucionários e por anarco-sindicalistas.

⁹ Sigla da *Federazione Italiana Metalmeccanici* (Federação italiana dos Operários Metalúrgicos), que compreendia, então, socialistas na sua maior parte, e também um componente anarquista.

¹⁰ Região costeira do noroeste da Itália.

¹¹ *Avanti!* de 24 de janeiro de 1901.

Por que, então? Para protestar contra o Governo, que ameaça retirar do arsenal da Spezia a construção do encouraçado Andrea Doria. Certamente, na primeira ocasião, os ‘subversivos’ da Spezia organizarão também em casa algum ‘solene comício’ contra as despesas ‘improdutivas’. É de se notar que à frente desse movimento de protesto... revolucionário encontrava-se uma cooperativa, a dos operários metalúrgicos (Giornale d’Italia de 24 de abril). Note-se igualmente que a agitação da Spezia manifestou-se ao mesmo tempo em que o Conselho de Administração da Casa Ansaldo se lamentava em seu relatório anual por não ter trabalho suficiente. Ao mesmo tempo, os operários do Estaleiro Orlando de Livorno faziam brandas demonstrações, reclamando para que o Estado desse trabalho ao estaleiro (Avanti! de 14 de maio de 1913). E os deputados de Nápoles dirigiam-se a Giolitti⁹ para pedir ‘novas encomendas de carretas, canhões, espoletas e projéteis’ aos estabelecimentos napolitanos, ‘para que não ocorressem novas demissões de operários metalúrgicos (Corriere della Sera de 24 de maio). E os jornais clérico-moderados-nacionalistas mandavam adiante a campanha, para que o Governo autorizasse nos estaleiros a construção de quatro novos grandes encouraçados.

Durante a Semana Vermelha os centros industriais mantiveram-se *parados* e durante a agitação intervencionista os centros industriais contribuíram escassamente para as manifestações antiguerra. Nas agitações do pós-guerra os centros industriais foram os mais lentos a responder. Nenhum centro industrial se insurgiu contra o fascismo como Parma, Firenze ou Ancona, e a massa operária não promoveu nenhum episódio coletivo de tenacidade e de espírito de sacrifício que se iguale ao de Molinella.

As greves agrárias das zonas de Módena e Parma permanecem, na história da luta de classes italiana, as únicas páginas épicas. As figuras mais generosas de organizadores operários vinham da Puglia. Porém, tudo isso é desconhecido. Escreve-se e fala-se da ocupação das fábricas e a das terras — esta bem mais grandiosa em importância e quase esquecida. Exalta-se o proletariado industrial, enquanto cada um de nós, se viveu e lutou nas regiões eminentemente agrícolas, sabe que os campos sempre alimentaram as agitações políticas de vanguarda das cidades e sempre deram prova, na área sindical em particular, de uma generosa combatividade.

* * *

Uma previsão fácil: houve um mandarim que escreveu que não possui uma “alma proletária”, e haverá leitores que entenderão que tive a pretensão de desvalorizar o proletariado.

Responde-me um eco na memória: o dos calorosos aplausos que saúdam nos estaleiros e nas oficinas da indústria de guerra o anúncio do submarino a ser construído ou do canhão a ser fundido.

Responde-me a tática comunista que aconselha agir no interior das corporações por reivindicações econômicas.

Responde-me, antes de mais nada, a resignação do proletariado italiano, sobretudo do industrial. Esperar que o povo acorde, falar de ação de massas, reduzir a luta antifascista à formação e à manutenção de quadros de partido e de sindicato, ao invés de concentrar meios e vontade para uma ação revolucionária que, sozinha, pode romper a atmosfera de aviltamento moral em que o proletariado italiano se está pervertendo inteiramente, é vileza, é idiotice, é traição.